

# Os desafios da tradução do Novo Testamento<sup>1</sup>

## The Challenges of New Testament Translation

*Alysson Gambarti Alves*<sup>2</sup>

*Joel Neto Portela*<sup>3</sup>

*José Adriano Filho*<sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo foi desenvolvido como parte da pesquisa do projeto de Iniciação Científica da Faculdade Unida de Vitória – ES “Estudos de Tradução do Novo Testamento” (Edital FAPES N° 04 – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e de Inovação do Espírito Santo [PIBICES 2020]). Ele considera as contribuições dos estudos de linguística, teoria da comunicação, exegese bíblica e grego, juntamente com a teoria e prática da tradução disponíveis nos manuais de tradução, gramáticas gregas, léxicos e dicionários para a tradução do Novo Testamento. Dessa forma, após apresentar a complexidade da tarefa de tradução do Novo Testamento e as teorias de tradução comumente utilizadas na sua tradução, o artigo destaca o uso da palavra “carne” (σὰρξ) em Romanos como um desafio para o trabalho do tradutor do Novo Testamento. A palavra “carne”, que aparece diversas vezes na literatura paulina, é um “conceito polimorfo” e seu significado depende muito do seu contexto de uso.

### PALAVRAS-CHAVE

Tradução; Tradução do Novo Testamento; Comunicação Linguística.

---

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido como parte da pesquisa do projeto de Iniciação Científica da Faculdade Unida de Vitória – ES “Estudos de Tradução do Novo Testamento” (Edital FAPES N° 04 – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e de Inovação do Espírito Santo (PIBICES 2020).

<sup>2</sup> Graduando em Teologia, Faculdade Unida de Vitória – ES.

<sup>3</sup> Graduando em Teologia, Faculdade Unida de Vitória – ES.

<sup>4</sup> Doutor em Ciências da Religião (UMESP, 2000) e em Teoria e História Literária (UNICAMP, 2013), é professor da Faculdade Unida de Vitória, ES.

**ABSTRACT**

This paper was developed in Faculdade Unida de Vitória – ES during the research of the Scientific Initiation project “New Testament Translation Studies” (Edital FAPES No 04 – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e de Inovação do Espírito Santo [PIBICES 2020]). It applies the contributions of studies in linguistics, communication theory, biblical exegesis and Greek, along with the theory and practice of translation available in translation manuals, Greek grammars, lexicons and dictionaries for the translation of the New Testament. Thus, after presenting the complexity of the task of translating the New Testament and the translation theories commonly used in its translation, the article highlights the use of the word “flesh” (σὰρξ) in Romans as a challenge for the work of the New Testament translator. The word “flesh”, which appears several times in Pauline literature, is a “polymorphic concept” and its meaning depends a lot on its context of use.

**KEYWORDS**

Translation; New Testament Translation; Linguistic Communication.

Como o tempo, uma tradução é caracterizada por uma certa instabilidade, uma vez que se define como mediadora, não apenas entre duas culturas espacialmente distantes, mas também entre dois momentos históricos diversos. A tradução ocupa um espaço de passagem, no qual não se fixam momentos cristalizados, identidades absolutas, mas se aponta continuamente para a condição diferencial que a constitui. Simultaneamente excessivo e carente, poderoso e impotente, sempre o mesmo texto e sempre um outro, o texto de uma tradução ao mesmo tempo destrói aquilo que o define como original – língua – e o faz reviver por intermédio de uma outra língua, estranha, estrangeira. (LAGES, 2002, p. 215)

A tradução do Novo Testamento é uma tarefa complexa. Até meados do século XX, era mais comum a tradução orientada para o texto fonte e os tradutores procuravam reproduzir as peculiaridades estilísticas do texto: ritmo, rima, jogos de palavras, quiasmo, paralelismos e construções gramaticais comuns. Como a tradução é um ato de comunicação

complexo e dinâmico, cujo dinamismo deriva do dinamismo da comunicação linguística, atualmente há menos preocupação com a forma da mensagem e mais com a recepção do texto. A tradução exata é também impossível, pois o significado das palavras e as estruturas gramaticais em duas línguas geralmente não se correspondem. Considerando isso, esse artigo, desenvolvido como parte da pesquisa do projeto de Iniciação Científica da Faculdade Unida de Vitória – ES “Estudos de Tradução do Novo Testamento” (Edital FAPES Nº 04 – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e de Inovação do Espírito Santo [PIBICES 2020]), procura apresentar o que significa a complexidade da tarefa de tradução do Novo Testamento, as teorias de tradução comumente utilizadas na sua tradução, além de destacar o uso da palavra “carne” (σὰρξ) em Romanos como um desafio para o trabalho do tradutor do Novo Testamento. A palavra “carne”, que aparece diversas vezes na literatura paulina, é um “conceito polimorfo” e seu significado depende muito do seu contexto de uso.

## **1. A tradução do Novo Testamento, uma tarefa complexa**

Os livros do Novo Testamento foram originalmente escritos na língua grega e os manuscritos existentes remontam a uma tradição de quase dois mil anos. Um problema básico decorrente da história da sua transmissão é que os manuscritos originais desapareceram e o que temos hoje são milhares de cópias de manuscritos de diferentes idades. Essas cópias apresentam grandes diferenças entre si. O estabelecimento do texto grego a ser traduzido para as línguas modernas é uma primeira tarefa, que deve ser somada ao fato de que os livros que compõem o Novo Testamento que representam uma grande variedade de estilos literários: narrativas históricas, poesia, evangelhos, cartas, apocalipses, cartas, parábolas, instruções e exortações, etc. O estabelecimento do texto grego e a variedade de tipos de texto torna a sua tradução uma tarefa difícil, especialmente a tradução para culturas que não têm uma tradição literária mais ampla.

O texto original e a tradução também se desenvolvem num contexto extratextual. Nesse sentido, a herança teórica legada pelos estudiosos da tradução da Bíblia no mundo contemporâneo, especialmente na segunda

metade do século XX, é de grande importância para a tradução da Bíblia. No passado, havia mais um tipo de tradução orientado para o texto fonte e a tradução de cada palavra: os tradutores reproduziam as peculiaridades estilísticas, como o ritmo, a rima, os jogos de palavras, o quiasmo, o paralelismo e as construções gramaticais comuns. Hoje, contudo, há menos preocupação com a forma da mensagem e mais com a recepção do texto. A orientação dirige-se para o texto-alvo ou leitores, traduzindo-se o sentido total do texto original. O decisivo é que o leitor, na medida do possível, reaja ante a mensagem traduzida da mesma maneira que os primeiros receptores reagiram ante o texto original.

O tradutor deve reproduzir um texto equivalente na língua-alvo, que pode ser usado com o mesmo objetivo que o da língua fonte. Não há “duas linguagens idênticas”, razão pela qual “não há correspondência absoluta entre as línguas”. A tradução exata é impossível, pois o significado das palavras e as estruturas gramaticais em duas línguas geralmente não se correspondem. Às vezes, os tradutores procuram recriar a linguagem, mas com poucos resultados. As línguas mudam também ao longo do tempo. Novas palavras lhes são acrescentadas e outras ganham novos significados. As palavras não têm somente um significado e não são usadas hoje como no passado. Dessa forma, para compreender a Bíblia as palavras devem estudadas em todos os lugares onde ocorrem nos escritos disponíveis e comparadas com palavras similares nas línguas relacionadas.

Como a busca da clareza na língua de chegada, o interesse pelos aspectos culturais, a importância atribuída à exegese do texto original, mas também a língua e a cultura de chegada são os princípios destacados por vários teóricos da tradução, o objetivo visado por alguns especialistas é uma tradução que seja fiel ao texto original e de acordo com a estrutura da língua receptora. Paralelamente ao esforço de compreensão do texto original, situando-o em seu contexto mais amplo – literário, histórico, geográfico, cultural –, o tradutor precisa conhecer linguística e culturalmente o meio ao qual a tradução se destina. Nesse sentido, é considerar o dinamismo da equivalência tradutora: evolução da noção de equivalência e do receptor na tradução, o reconhecimento de que a tradução é um ato de comunicação e a importância dos elementos culturais. A tradução é um ato de comunicação complexo e dinâmico, cujo dinamismo deriva do dinamismo da comunicação linguística.

O tradutor deve também ter consciência das diferenças culturais refletidas em cada língua, as quais se expressam em vários âmbitos e podem criar problemas de tradução: diferenças ecológicas, de cultura material, de hábitos e organização social próprios; de cultura religiosa; de cultura linguística: fonológicas, morfológicas, sintáticas e léxicas entre as línguas. As culturas recorrem a meios diferentes para alcançar objetivos idênticos ou similares. Os mesmos objetos ou acontecimentos podem ter sentidos diferentes, inclusive opostos, segundo os contextos culturais. Alguns objetos ou acontecimentos próprios de uma cultura podem não existir em outras. É preciso considerar tanto os casos em que não existe equivalência cultural quanto a forma em que a sociedade receptora avalia as características do mundo do Novo Testamento que são estranhas ou parecidas com as suas, mas dotadas de outro significado. Essa perspectiva sociolinguística incorpora os elementos contextuais e acentua a importância do receptor e os elementos culturais na realização da tradução, além de incorporar as contribuições de disciplinas como a antropologia e a teoria da comunicação.

Além disso, é preciso considerar os conflitos que direcionam os movimentos da ação de traduzir os textos bíblicos, como “versão autorizada”, “adoção de um método exclusivo para a tradução”, “universalidade como marca de um nível de fala”, as “implicações da inspiração e do sagrado no trabalho dos tradutores” e não esquecer intenções que se ocultam sobre uma atividade aparentemente mecânica e descomprometida que é o ato de traduzir. Durante muitos séculos, as igrejas cristãs viveram sob a ilusão de que as traduções do texto bíblico que utilizavam eram livres de pressuposições, ideologias e interpretação, mas um fato agora reconhecido é que tradução é interpretação, como sugere o dito italiano *traduttore traditore* (“um tradutor é um traidor”). Nesse sentido, fatores mais críticos como raça, classe, gênero, histórias de vida, convicções teológicas, alianças políticas, distinções culturais e questões de marketing devem ser considerados. Esses fatores contribuem para a formação da ideologia e para a visão de mundo de um tradutor ou equipe de tradutores.

Não existe uma tradução “pura”, livre de pressupostos. Tanto do ponto de vista teórico quanto experimental, traduções neutras e objetivas são impossíveis e, até certo ponto, indesejáveis. Na melhor das hipóteses,

pode-se falar de traduções honestas quando e se as pressuposições, pré-compreensão, agendas teológicas e pressões de *marketing* forem indicadas pela tradução oferecida. Independentemente da filosofia de tradução adotada, não se pode escapar do fato de que a ideologia tem um papel importante tanto no processo de tradução quanto na sua forma final<sup>5</sup>. O princípio de que a tradução de um texto nunca é neutra ou objetiva é igualmente válido para a tradução do Novo Testamento. O tradutor ou a equipe de tradutores faz todos os esforços para transmitir o significado do texto antigo para uma língua-alvo moderna, mas o processo de tradução não ocorre num vácuo. Ele é parte de um processo histórico, realizado num determinado contexto e momento histórico.

## 2. Princípios de tradução

No início do século XX, as traduções mais aceitas eram aquelas que se mantinham mais próximas às estruturas gramaticais do texto grego do Novo Testamento, mas um exame das traduções conhecidas revela que os diferentes tradutores utilizam diferentes abordagens e convenções. Apesar de séculos e até milênios de reflexão e discussão, as questões básicas referentes à tradução do Novo Testamento permanecem as mesmas: se uma tradução tende a ser mais ou menos literal, isto é, quão próximas as formas e estruturas do idioma de origem são refletidas na tradução, como as palavras, especialmente termos “chave” de importância teológica especial, são traduzidas, até onde a tradução adapta o texto-fonte para permitir formas naturais de expressão na língua-alvo e o quanto a “estrangeirização” é aceita, permitindo que os leitores experimentem a “alteridade” do texto na outra língua. A apresentação dos desenvolvimentos da teoria e prática da tradução da Bíblia, em especial do Novo Testamento, ajuda a esclarecer essas questões.

---

<sup>5</sup> PORTER, Stanley E. “The Contemporary English Version and the Ideology of Translation”. In: *Translating the Bible – Problems and Prospects*. PORTER, Stanley E. & HESS, Richard (eds.). Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999, p. 18.

## 2.1 O princípio da correspondência formal

O princípio da correspondência formal, afirma Uwe Wegner, “sugere traduzir textos *literalmente*, observando, sempre que possível, suas características originais de estilo, métrica e gramática. Ele procura ser o mais fiel possível ao texto original evitando o recurso a interpretações, acréscimos ou explicações adicionais. Procura preservar não apenas o conteúdo, mas também a forma do texto original”<sup>6</sup>. Este tipo de tradução é denominado “tradução literal” e os recursos a serem empregados são os seguintes<sup>7</sup>:

- Dicionários do grego bíblico e extrabíblico.
- Gramáticas do grego neotestamentário e da época intertestamentária.
- Edições interlineares do Novo Testamento.
- Chaves gramaticais e/ou linguísticas do Novo Testamento.

Wegner assinala também que as vantagens da tradução literal:

- Ela nos familiariza com o texto grego do Novo Testamento e leva a sério o fato de que o texto a ser interpretado foi escrito originalmente em língua diferente da nossa.
- Ela mostra que a tradução implica sempre em interpretação. Isto fica claro principalmente em relação àqueles termos ou expressões para os quais os dicionários apresentam diversas opções de tradução.
- Ela aguça a nossa sensibilidade para o exame de outras traduções disponíveis, seja em comentários, ou em modernas versões portuguesas do Novo Testamento<sup>8</sup>.

Para realizar a tradução literal, recomenda-se:

<sup>6</sup> WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*. Manual de Metodologia. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulus, 1998, p. 28-29.

<sup>7</sup> WEGNER, 1998, p. 29.

<sup>8</sup> WEGNER, 1998, p. 29.

- Substantivos e verbos devem ser traduzidos, sempre que possível, segundo o seu significado primário. Isso vale para os casos em que um termo tem um significado básico, a partir do qual outros significados foram acrescentados posteriormente.
- A tradução literal procurará respeitar a inclusão ou omissão dos artigos, bem como a ordem original das palavras, desde que, naturalmente, isso não produza, em português, um sentido diferente do que havia no original grego.
- Construções gramaticais “rústicas” devem ser preservadas. Quando melhoradas em português para efeitos de compreensão, devem ser explicadas em nota de rodapé<sup>9</sup>.

A “tradução literal trará como resultado um texto muito parecido, em forma e conteúdo, aos textos das traduções interlineares ou justalineras”. Ela não tem como objetivo “apresentar o texto num ‘bom português’, mas num português que consiga reproduzir, da melhor maneira possível, as construções gramaticais, a ordem das palavras e a forma da língua original”<sup>10</sup>.

## ***2.2 O princípio da equivalência dinâmica***

A tradução literal procura familiarizar o intérprete com as particularidades do texto grego, mas a tradução que considera os destinatários atuais do texto e as particularidades do seu idioma é regida pelo princípio que é denominado de “equivalência dinâmica”<sup>11</sup>. Este princípio procura também traduzir os textos de acordo com o seu significado original. Entende-se, contudo, que tradução fidedigna implica mais do que reprodução fiel do conteúdo dos textos. É preciso que a tradução consiga verter estes conteúdos com tal habilidade, que o impacto que o texto conseguiu produzir nos primeiros leitores possa também ser experimentado pelos leitores ou ouvintes de hoje. Ou seja, é preciso que a tradução comunique não apenas o conteúdo, mas também a dinâmica

---

<sup>9</sup> WEGNER, 1998, p. 29.

<sup>10</sup> WEGNER, 1998, p. 29-30.

<sup>11</sup> WEGNER, 1998, p. 30.

linguística que originalmente envolvida nesse conteúdo<sup>12</sup>. A tradução “pelo princípio da equivalência dinâmica tem por objetivo tornar o texto mais compreensível para o leitor ou ouvinte a partir da sua língua e de suas estruturas”<sup>13</sup>.

No livro “Teoria e Prática da Tradução” (*Theory and Practice of Translation*)<sup>14</sup>, Eugene A. Nida e Charles R. Tauber apresentam as propostas para produzir uma tradução mais compreensível destas expressões: os tradutores examinam e analisam o texto fonte, extraem o seu significado, identificam o conteúdo dos “núcleos” de cada frase e os componentes semânticos de cada item lexical e transferem esse significado para o idioma de destino. Este processo leva a uma tradução de equivalência dinâmica<sup>15</sup>. O método de equivalência dinâmica prima pela observância ao sentido na produção do texto-alvo. Traduzir é “reproduzir na língua-alvo o equivalente natural mais próximo da mensagem na língua-fonte, primeiro, em termos de significado e, segundo, em termos de estilo. [...] A tradução deve almejar primariamente – reproduzir a mensagem. Fazer qualquer outra coisa é essencialmente falso para a tarefa de um tradutor [...] a melhor tradução não soa como tradução”<sup>16</sup>. A aplicação desse método não impede que os tradutores apliquem o método da equivalência formal, mas a tradução do sentido do texto para permitir ao leitor a compreensão da mensagem apresenta-se como um objetivo superior à apreciação dos elementos formais e estilísticos do texto. A partir da aplicação do método de tradução por equivalência dinâmica, espera-se que o leitor reaja ao texto traduzido da mesma forma que o leitor original reagiu ao texto-fonte: com (suposta) naturalidade. A tradução não pode ser sentida

<sup>12</sup> WEGNER, 1998, p. 30.

<sup>13</sup> WEGNER, 1998, p. 32.

<sup>14</sup> NIDA, Eugene A. & TAUBER, Charles R. *Theory and Practice of Translation*. Leiden: E. J. Brill, 1982.

<sup>15</sup> WAARD, Jan de & NIDA, Eugene A. *From One Language to Another: Functional Equivalence in Bible Translation*. Nashville: Nelson, 1986.

<sup>16</sup> NIDA & TAUBER, 1982, 1982, p. 12, declaram: “Translating consists in reproducing in the receptor language the closest natural equivalent of the source-language message, first in terms of meaning and secondly in terms of style. [...] Translating must aim primarily at reproducing the message’. To do anything else is essentially false to one’s task as a translator [...] the best translation does not sound like a translation”.

como tal, de modo que, para o leitor, a leitura do texto o faça sentir que os autores bíblicos escreveram em sua língua e para pessoas como ele.

Katherine Barnwell considera uma boa tradução aquela que é exata na transmissão da mensagem, que dá ao leitor uma compreensão clara do sentido do texto e cuja linguagem soa natural e agradável ao leitor. Ela resume da seguinte forma as qualidades de uma tradução segundo o princípio da equivalência dinâmica:

- Correta: A tradução deve dar o sentido o mais exato possível da mensagem original.
- Clara: A tradução deve produzir um texto bem compreensível. Não deve ter expressões confusas ou que possam ser entendidas erradamente.
- Natural: A linguagem da tradução deve ser completamente natural. Não deve parecer uma tradução, mas soar como se um falante nativo tivesse escrito aquele texto<sup>17</sup>.

Dessa forma, uma das questões centrais de uma tradução é atingir um grau saudável de equivalência cultural – de modo que a “língua receptora” possa comunicar com a maior precisão possível o significado pretendido na “língua de origem”. Além disso, a aceitabilidade formal e funcional das traduções pode ser determinada a partir da interação de quatro variáveis que estão intimamente relacionadas e interagem mutuamente: fidelidade, inteligibilidade, “idiomaticidade” e proximidade<sup>18</sup>:

- A fidelidade aborda as questões relacionadas com a comunicação precisa da mensagem pretendida do autor no texto do idioma de origem.
- A inteligibilidade se concentra na compreensão da mensagem pelos ouvintes na linguagem receptora.

---

<sup>17</sup> BARNWELL, Katharine. *Tradução bíblica: um curso introdutório dos princípios básicos de tradução*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1979, p. 11.

<sup>18</sup> VOTH, Steven M. “Justice and/or Righteousness: A Contextualized Analysis of S.edeq in the KJV (English) and RVR (Spanish)”. In: SCORGIE, Glen G.; STRAUS, Mark L.; VOTH, Steven M. (Eds.). *The Challenge of Bible Translation*. Communicating God’s Word to the World. Grand Rapids, Michigan: Zondervan 2003, p. 322-323.

- A “idiomaticidade” refere-se à “naturalidade” da mensagem recebida pelos ouvintes na língua receptora.
- A proximidade considera a estrutura da mensagem no idioma de origem e a conveniência de preservar sua distinção.

A teoria da equivalência dinâmica aproxima a tradução às realidades da língua e cultura alvo, de modo que o significado ou mensagem do texto fonte possa ser entendido. Os tradutores são livres para utilizar termos diferentes, construções gramaticais diferentes, até mesmo ordens de sentença e palavras diferentes para expressar o significado do texto fonte. Este modelo de tradução elimina expressões e imagens difíceis do texto que se tornem incompreensíveis, caso traduzidas literalmente.

O quadro abaixo apresenta os termos relacionados com a tradução, especialmente com os desenvolvimentos da tradução bíblica que ocorreram a partir da segunda metade do século vinte<sup>19</sup>:

Idioma do receptor	O idioma para o qual um texto escrito em um idioma estrangeiro é traduzido.
Língua nativa	Língua original em que o texto é escrito.
Equivalente dinâmico	Um significado no idioma receptor que corresponde a (é “equivalente” a) um significado em um texto em idioma nativo.
Equivalência dinâmica	Teoria da tradução baseada na premissa de que sempre que algo no texto no idioma nativo for estranho ou obscuro para um leitor contemporâneo o texto original deve ser traduzido em termos de um equivalente dinâmico.
Equivalente funcional	Algo na linguagem receptora que difere do que diz o texto original, mas que tem a mesma função na linguagem receptora.
Equivalência funcional	Teoria da tradução que favorece a substituição de uma afirmação no texto original por um equivalente funcional, sempre que a fraseologia ou referência original é obscura para um leitor moderno na língua receptora.

<sup>19</sup> RYKEN, Leland. *The Word of God in English*. Wheaton: Illinois: Crossway Books, 2002, p. 18-19.

Efeito equivalente	Tradução que visa produzir nos leitores da tradução o mesmo efeito que o texto original produziu nos seus leitores.
Equivalência formal	Teoria da tradução que privilegia a reprodução da forma ou linguagem do texto original, não apenas do seu significado. Em sua forma mais restrita, essa teoria adota a reprodução até mesmo da sintaxe e da ordem das palavras do original.
Tradução literal	Tradução que se esforça para traduzir as palavras exatas do texto no idioma original em uma tradução, mas não de forma rígida a ponto de violar as regras normais de linguagem e sintaxe na língua receptora.
Texto transparente	Um texto é transparente para o leitor moderno ou contemporâneo quando é imediatamente compreensível na linguagem receptora; este é o objetivo das traduções equivalentes dinâmicas. Uma tradução é transparente quando reproduz a linguagem, as expressões e os costumes do texto original.

### 3. A tradução da palavra $\sigma\alpha\rho\chi$ (“carne”) em Romanos<sup>20</sup>

A palavra  $\sigma\alpha\rho\chi$  (“carne”) ocorre 147 vezes no Novo Testamento, sendo 91 delas nas cartas paulinas. A complexidade do uso da palavra por Paulo se reflete nas versões da Bíblia existentes na língua portuguesa, que utilizam diversas palavras para traduzir  $\sigma\alpha\rho\chi$ , um “conceito o polimorfo” cujo significado depende muito do contexto em que a palavra é utilizada. Há diversos usos da palavra e os pesquisadores procuraram classificar a maneira como Paulo a utiliza, destacando cinco sentidos básicos<sup>21</sup>:

- 1) O significado básico e o mais comum de  $\sigma\alpha\rho\chi$  é “a matéria que cobre os ossos de um corpo humano ou animal”. Paulo, às vezes, usa a palavra com este sentido, como em 1Cor 15,39: “Nem toda carne é a mesma; porém uma é a carne dos homens, outra, a dos

<sup>20</sup> Nessa parte do artigo, baseamo-nos especialmente nas contribuições de MOO, Douglas J. “Flesh” in Romans: A challenge for the translator”. In: SCORGIE, Glen G.; STRAUS, Mark L.; VOTH, Steven M. (Eds.). *The Challenge of Bible Translation. Communicating God’s Word to the World*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan 2003, p. 365-379.

<sup>21</sup> MOO, 2003, p. 366-367.

- animais, outra, a das aves, e outra, a dos peixes” (cf. Ef 2,11; Cl 2,13; Gl 6,13);
- 2) σὰρξ como designação do corpo humano: “Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2Cor 7,1; cf. 1Cor 5,5 [?]; 6,16; 2Cor 12,7; Gl 4,13; Ef 5,31);
  - 3) σὰρξ como referência ao ser humano: “Deus escolheu as coisas humildes deste mundo e as coisas desprezadas – e as coisas que não são – para anular as coisas que são, a fim de que nenhuma carne [σὰρξ] possa gloriar-se diante dele” (1Cor 1,28-29; cf. Gl 1,16; 2,16);
  - 4) σὰρξ como estado ou condição humana. 1Cor 10,18, onde Paulo se refere ao Israel κατὰ σάρκα (“segundo a carne”), provavelmente se enquadra nesta categoria;
  - 5) σὰρξ como designação da condição humana caída, uso que não é exclusivamente paulino.

Os dois últimos significados destacam a diferença entre o “ser humano distinto de Deus” e o “ser humano em contraste com Deus”. “Ser humano em contraste com Deus” é frequentemente chamado de uso “ético” de σὰρξ, em contraste com o uso “neutro” de “ser humano distinto de Deus”. Um exemplo do uso “ético” de σὰρξ é Gl 5,16-17: “Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne [σὰρξ]. Porque a carne [σὰρξ] milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne [σὰρξ], porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer”. Este sentido de σὰρξ é comum nas cartas paulinas, com cerca de 25 a 30 ocorrências, dependendo de como são interpretados os textos mais difíceis<sup>22</sup>.

Paulo utiliza a palavra σὰρξ 26 vezes em Romanos. O primeiro sentido de σὰρξ, “a matéria que cobre os ossos de um corpo humano ou animal” é utilizado uma vez: “Porque não é judeu quem o é apenas

<sup>22</sup> LAATO, Timo. *Paulus und Judentum: Anthropologische Erwägungen*. Abo: Abo Academy, 1991, p. 95; DAVIES, W. D. *Paul and the Rabbinic Judaism*. Oxford: Blackwell, 1964, p. 39.

exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus” (Rm 2,28-28), texto que contrasta a circuncisão “externa” na “carne” com a circuncisão do coração realizada no Espírito. Não há nenhum exemplo de σὰρξ com o sentido de “corpo humano”, mas Paulo usa σὰρξ para se referir ao terceiro significado, o “ser humano” uma vez: “ninguém (πᾶσα σὰρξ) será justificado diante dele por obras da lei” (Rm 3,20). Paulo utiliza também σὰρξ ao referir-se aos seus companheiros judeus (“meu próprio povo”), enfatizando sua solidariedade com eles no nível das relações humanas: “Dirijo-me a vós outros, que sois gentios! Visto, pois, que eu sou apóstolo dos gentios, glorifico o meu ministério, para ver se, de algum modo, posso incitar à emulação os do meu povo (παραζηλώσω μου τὴν σάρκα) e salvar alguns deles” (Rm 11,13-14).

O quarto e o quinto significados, o “ser humano” e a “condição humana caída”, predominam nas cartas paulinas, mas questões interpretativas tornam difícil determinar o número exato das passagens que se enquadram nessas categorias. Rm 1,3; 8,3b e 9,5 utilizam a palavra σὰρξ para se referir à condição humana de Jesus Cristo: “descendente de Davi segundo a carne” (κατὰ σάρκα – 1,3), “quanto à sua vida terrena”, “em semelhança de carne pecaminosa” (ἐν ὁμοιώματι σαρκὸς ἁμαρτίας), condenou Deus, “na carne” (ἐν τῇ σαρκί), o pecado” – 8,3), e traça sua linhagem humana até Israel κατὰ σάρκα (1,3). Rm 4,1; 9,3 e 9,8 utilizam σὰρξ para indicar ancestralidade: Abraão é o pai dos judeus κατὰ σάρκα (“segundo a carne” – 4,1), os israelitas e Paulo pertencem a um mesmo povo κατὰ σάρκα (“segundo a carne” – 9,3), os israelitas que são herdeiros das promessas feitas a Abraão não são “não são propriamente os da carne” (τὰ τέκνα τῆς σαρκὸς – 9,8). Entre as passagens que falam dos “seres humanos que estão em conflito com Deus”, Rm 7,5 e 8,8-9 descrevem os que não creem como “na carne” (ἐν τῇ σαρκί,): “Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte”, “Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus”. Em Rm 8,3, a incapacidade da lei de resgatar do pecado é atribuída à carne (διὰ τῆς σαρκός). Em Rm 8,4.5a.5b.6.7, σὰρξ denota a orientação do comportamento e pensamento contrário a Deus. Rm 8,12-13 alerta os

que creem em Cristo sobre o perigo de viver “segundo a carne” (κατὰ σάρκα) e Rm 13,14 exorta a nada dispor “para a carne no tocante às suas concupiscências” (καὶ τῆς σαρκὸς πρόνοιαν μὴ ποιῆσθε εἰς ἐπιθυμίας).

A classificação do sentido de σὰρξ em Rm 6,19, 7,18 e 7,25 é ainda mais difícil. Em Rm 6,19, Paulo utiliza a imagem do escravo como algo análogo à vida de um crente por causa da “fraqueza da vossa carne” (διὰ τὴν ἀσθένειαν τῆς σαρκὸς ὑμῶν). A sintaxe ambígua de Rm 7,18.25 e o debate em torno do significado geral da passagem tornam ainda mais difícil classificar esta passagem. Ao apresentar de forma vívida um “eu dividido” (Rm 7,15-17), Paulo afirma: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne (ἐν τῇ σαρκί μου), não habita bem nenhum” – 7,18). Os defensores da visão de que, nesta passagem, Paulo como cristão descreve sua luta contra o pecado interpretam “isto é” (τοῦτ’ ἔστιν) em um sentido restritivo e concluem que Paulo confessa que, mesmo como cristão, ele é influenciado pela “natureza humana caída”<sup>23</sup>. Os estudiosos que pensam que Paulo descreve a experiência humana não regenerada também atribuem sentido ético a σὰρξ, mas consideram “isto é” (τοῦτ’ ἔστιν) como uma definição: a natureza humana caída “me” caracteriza. Rm 7,14-25 se destaca também pela forma como Paulo descreve o ser humano de maneira dualística. Os versículos 15-17 e 18b-20 descrevem um conflito dentro da pessoa entre o “querer” e o “fazer”, que em Rm 7,21-23 é atribuído a um conflito entre “a lei de minha mente” e “a lei do pecado que está nos meus membros”. Nesse contexto, “carne” (7,18) é, provavelmente, equivalente aos “membros” (7,23). σὰρξ, que é contrastada com a “mente” (νοῦς – 7,25), tem o mesmo sentido “neutro”. Estes versos se aproximam do terceiro uso – o corpo humano – mas se destacam das outras ocorrências da palavra com este significado, devido a sua ênfase na parte concreta, mesmo física, do ser humano<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> CRANFIELD, E. E. B. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans*. Vol. I. ICC. Edinburgh: T & T Clark, 1979, p. 300.

<sup>24</sup> Cf. KÄSEMANN, Ernst. *Commentary on Romans*. Grand Rapids, Michigan: W. E. B. Eerdmans, 1980, p. 204-205; GUNDRY, Robert H. *Soma in Biblical Theology with Emphasis on Pauline Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 137; MOO, Douglas J. *The Epistle to the Romans*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1996, p. 459-467.

Paulo utiliza também a palavra σὰρξ em Rm 1,3; 4,1; 9,5 e 9,8. A declaração da primeira passagem de que Jesus é descendente de Davi “segundo a carne” (κατὰ σάρκα) é equilibrada pela declaração de que ele “foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade” (ἐν δυνάμει κατὰ πνεῦμα ἁγιωσύνης – 1,3). Em Rm 9,5, outra passagem cristológica, uma nuance levemente negativa é atribuída a “segundo a carne” (κατὰ σάρκα) e, culminando numa uma lista de privilégios e promessas concedidas a Israel, temos a declaração “também deles descende o Cristo, segundo a carne” (καὶ ἐξ ὧν ὁ Χριστὸς τὸ κατὰ σάρκα). A declaração de Rm 4,1, que não é orientada cristologicamente, introduz Abraão: “Que, pois, diremos ter alcançado Abraão, nosso pai “segundo a carne” (κατὰ σάρκα)? Um pensamento semelhante, embora mais negativo por causa da presença de um contraste explícito, é apresentado em Rm 9,8: “Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa”, onde Paulo afirma que na história da salvação há um “Israel” dentro de Israel. Ele apela a Gn 21,12, “porque é por meio de Isaque que uma descendência perpetuará o teu nome”. Quem está familiarizado com o relato bíblico percebe o contraste implícito com o filho primogênito de Abraão, Ismael, ao qual Paulo faz alusão em Rm 9,8. Ismael representa “os filhos naturais [os filhos da carne]”, enquanto Isaque representa “os filhos da promessa” – aqueles que não são apenas descendem fisicamente de Abraão, mas também foram “chamados” por Deus, como aconteceu com Isaque; um argumento paralelo a esse é Gl 4,21-31, onde Ismael é designado com quem nasceu “segundo a carne” (κατὰ σάρκα), em contraste com Isaque, que nasceu segundo a promessa κατὰ ἐπαγγελίας (Gl 4,23,28-29)<sup>25</sup>.

Em Rm 1,3; 4,1; 9,5 e 9,8 algumas nuances negativas estão associadas à palavra σὰρξ, mesmo quando o seu uso parece ter um “sentido neutro”. Será que as outras ocorrências “neutras” do termo, como Rm 8,3bc; 9,3 e 11,14, têm a mesma conotação que o contexto oferece? A nuance negativa de σὰρξ nos quatro versos antes examinados está no contraste explícito do contexto, mas esse contraste não existe em Rm 8, 3b.c;

<sup>25</sup> MOO, 2003, p. 369-370; JEWETT, Robert. *Paul's Anthropological Terms: A Study of Their Use in Conflict Settings*. Leiden: Brill, 1971, p. 425-426.

9,3 e 11,14. Além disso, as nuances ligadas ao contexto não afetam necessariamente o significado de σὰρξ. De fato, é difícil discernir uma nuance negativa em Rm 8,3bc, onde σὰρξ ocorre três vezes: “Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne (διὰ τῆς σαρκός), isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa (ἐν ὁμοιώματι σαρκός) e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne (ἐν τῇ σαρκί), o pecado”. A afirmação inicial desse texto recapitula o argumento de Rm 7,14-25, onde Paulo demonstra que a Lei de Deus é boa, mas incapaz de resgatar os seres humanos do pecado por causa da sua incapacidade de obedecer a esta Lei: “Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal (ἐγὼ δὲ σάρκινός), vendido à escravidão do pecado (7,14). Mas foi exatamente na “carne” que Deus enviou seu próprio Filho. A frase incômoda “em semelhança de carne pecaminosa” (ἐν ὁμοιώματι σαρκός) tenta preservar o equilíbrio entre a realidade da identificação de Jesus com a condição humana – ele realmente “se tornou σὰρξ” – e assumiu a semelhança de “carne pecaminosa”. σὰρξ, então, denota a condição humana, e essa condição é, obviamente, uma condição de fraqueza, mortalidade e suscetibilidade ao pecado. A ocorrência de σὰρξ no final do verso é semelhante. O próprio Deus “condenou” o pecado para que aqueles que se identificam com o Filho não precisam ser condenados (Rm 8,1). E ele conseguiu quando, por meio de seu Filho, entrou na própria arena em que o pecado dominava, a saber, a “carne”. As outras duas ocorrências “neutras”, Rm 9,3: “porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas, segundo a carne (κατὰ σάρκα)” e 11,14: “para ver se, de algum modo, posso incitar à emulação os do meu povo (μου τὴν σάρκα) e salvar alguns deles” estão intimamente relacionadas. Nessas ocorrências, Paulo utiliza σὰρξ para enfatizar sua identificação com seus compatriotas judeus de uma perspectiva terrena ou humana. O forte apego emocional de Paulo a seus compatriotas (9,1-3; 10,1) e a afirmação de seus privilégios e bênçãos divinas (9,4-5; 11,28-29) deixa claro que ser judeu é, de fato, uma “vantagem” (3,1-2)<sup>26</sup>.

Estas evidências sugerem que Paulo utiliza a palavra σὰρξ para se referir à condição ou esfera humana. Diferentemente do “corpo” (σῶμα),

<sup>26</sup> MOO, 2003, p. 370-371.

que será ressuscitado, a σὰρξ está presa à terra: “a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção” (1Cor 15,50). A palavra não tem somente conotações negativas: o ser humano não é em si mau ou pecaminoso (Rm 8,3bc), os relacionamentos de uma pessoa podem ser dignos, até mesmo valiosos (Rm 9,3; 11,14), mas o ser humano é fraco e pode ignorar ou compreender mal as coisas do mundo vindouro: “Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para a maldade, assim ofereci, agora, os vossos membros para servirem à justiça para a santificação” (Rm 6,19; cf. 7,18.25). A condição humana natural é estar “na carne”, isto é, ela é determinada pela perspectiva deste mundo em contraste com o mundo vindouro. Nesse sentido, “os que estão na carne não podem agradar a Deus” (8,8) e podem caminhar para a morte: “Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte” (7,5), pensando e agindo como pessoas que não consideram o reino divino: “Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz. Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar (8,5-7). Os que creem, por ainda estarem neste mundo, devem se esforçar para evitar cair nestes padrões de pensamento e ações: “Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis. Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (8,12-13). Por essa razão, Paulo exorta: “Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências” (13,13-14)<sup>27</sup>.

Paulo utiliza a palavra σὰρξ também para se referir à condição ou esfera humana, mas uma dimensão importante desse conceito envolve a estrutura histórico-redentora que seu contexto oferece. Na primeira

<sup>27</sup> MOO, 2003, p. 372.

ocorrência de σαρκί em Rm 1,3, Jesus, o Filho, é descendente de Davi “quanto à sua natureza humana” (1,3) e foi “declarado” Filho de Deus por sua ressurreição dentre os mortos (1,4). Mais importante e relevante, entretanto, é a natureza do contraste “carne”/”Espírito” apresentado: “com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor” (1,3-4). Essa estrutura de pensamento, sem dúvida derivada da tradição apocalíptica, apresenta a obra salvífica de Deus marcada pelas duas eras: a era antiga de pecado e morte e a nova era de justiça e vida. A carne pertence à era antiga; o Espírito, à nova era<sup>28</sup>. Nesta estrutura de pensamento, os contrastes apocalípticos expressam a realidade do que significa a diferença entre estas duas ordens de mundo. A “era” presente não será reformada, mas recriada, e o contraste carne/Espírito revela que Paulo apresenta, como o núcleo do seu evangelho, o nascimento de Jesus como Filho de Davi na era antiga, a carne, que culmina na declaração de que ele “foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos” (1,4)<sup>29</sup>.

Não é por acaso que a antítese carne/Espírito é retomada e desenvolvida em Rm 5-8, capítulos que são dominados pelo contraste entre os poderes da antiga era e os poderes da nova era: Adão X Cristo, pecado X justiça, morte X vida, lei X graça, carne X Espírito. Ao falar de “poderes”,

---

<sup>28</sup> “Paul lived in an apocalyptic age and held certain central apocalyptic convictions. In apocalyptic thought, the present age is characterised by evil and injustice in anticipation of the age to come, the age of righteousness and peace. Fundamentally, he believes that human beings are under the power an interlocking directorate of anti-human and anti-God realities and forces. (...) No matter who they are, no matter what they do, human beings cannot break free from the grip of the disabling powers and their ever-growing effects. (...) The solution is, in a word, the cross of Christ (...) the cross marks the beginnings of the divinely promised ‘new creation’ (Gal:15; 2 Cor 5:17). The cross of Christ is simultaneously God’s apocalyptic act and Christ’s human, suffering-servant act intended to redeem or liberate humanity from the interlocking directorate of powers that enslave us. The new creation is inaugurated by God but also by a representative human, Jesus, the Messiah”. Cf. GORMAN, Michael J. *Cruciformity, Paul’s Narrative Spirituality of the Cross*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001, p. 102-107.

<sup>29</sup> RIDDERBOS, Herman. *Paul: An Outline of His Theology*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1974, p. 64-68.

não pretendemos subscrever a ideia de que a “carne” é um poder cósmico da mesma natureza do Espírito, ao qual se opõe. “Carne” nunca um poder separado do ser humano no pensamento de Paulo. Paulo coloca em prática a retórica de poderes opostas para deixar clara a oposição radical entre a era antiga e a nova. Melhor, pelo menos no que diz respeito a Rm 5-8, a linguagem de “reinos” opostos, pois Paulo usa a linguagem de estruturas de poder e dominação para conceituar o contraste entre a antiga e a nova vida. Quem está “em Cristo” pertence à nova “era”. “Carne”, aquele aspecto do ser humano separado de e, frequentemente, hostil a Deus, dominou a velha “era” e trouxe consigo o pecado e a morte (8,6-8). Mas no domínio do novo reino está o Espírito de Deus, que traz os benefícios desse novo reino aos que pertencem a Cristo: “Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz” (8,6). Mas a transferência para o novo reino não significa uma separação completa da influência negativa da “carne”. Enquanto vivermos em corpos não redimidos (8,10-11), a carne indica um aspecto do ser humano que procura levar os que creem de volta aos hábitos pecaminosos do antigo reino: “Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça. Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita” (8,10-11). Paulo, então, depois de apresentar o que significa não mais estar “na carne”, mas “no Espírito” (8,4-11), insiste que é necessário que os que creem continuem a lutar contra a carne: “Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis” (8,12-13)<sup>30</sup>.

Este artigo, portanto, ao partir de considerações que consideram a complexidade da tarefa de tradução dos textos bíblicos, em especial os textos do Novo Testamento, considera que, apesar de séculos e até milênios de reflexão e discussão, as questões básicas referentes à tradução do Novo Testamento permanecem as mesmas: traduções tendem a ser mais ou menos literal, isto é, quão próximas as formas e estruturas do idioma

<sup>30</sup> MOO, 2003, p. 373-374.

de origem são refletidas na tradução ou, então, traduções que adapta o texto-fonte para permitir formas naturais de expressão na língua-alvo, permitindo que os leitores experimentem a “alteridade” do texto na outra língua. Ao destacar uso da palavra “carne” (σὰρξ) como um desafio para trabalho do tradutor e indicar que o seu significado depende muito do seu contexto de uso. Esta pesquisa terá também continuidade com outro artigo que selecionará passagens específicas em que o mesmo termo ocorre e comparará a sua tradução nas versões mais comuns utilizadas em português no Brasil.

### Referências

- BARNWELL, Katharine. Tradução bíblica: um curso introdutório dos princípios básicos de tradução. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1979.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 5ª impressão. São Paulo: Paulus, 2008.
- CRANFIELD, E. E. B. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans*. Vol. I. ICC. Edinburgh: T & T Clark, 1979.
- DAVIES, W. D. *Paul and the Rabbinic Judaism*. Oxford: Blackwell, 1964.
- GORMAN, Michael J. *Cruciformity, Paul's Narrative Spirituality of the Cross*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.
- GUNDRY, Robert H. *Soma in Biblical Theology with Emphasis on Pauline Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- JEWETT, Robert. *Paul's Anthropological Terms: A Study of Their Use in Conflict Settings*. Leiden: Brill, 1971.
- KÄSEMANN, Ernst. *Commentary on Romans*. Grand Rapids, Michigan: W. E. B. Eerdmans, 1980.
- LAATO, Timo. *Paulus und Judentum: Anthropologische Erwägungen*. Abo: Abo Academy, 1991.
- LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- MOO, Douglas J. “Flesh” in Romans: A challenge for the translator”. In: SCORGIE, Glen G.; STRAUS, Mark L.; VOTH, Steven M. (Eds.). *The Challenge of Bible Translation. Communicating God's Word to the World*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan 2003, p. 365-379.

- \_\_\_\_\_. *The Epistle to the Romans*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1996.
- NIDA, Eugene A. & TAUBER, Charles R. *Theory and Practice of Translation*. Leiden: E. J. Brill, 1982.
- PORTER, Stanley E. “The Contemporary English Version and the Ideology of Translation”. In: *Translating the Bible – Problems and Prospects*. PORTER, Stanley E. & HESS, Richard (eds.). Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999.
- RIDDERBOS, Herman. *Paul: An Outline of His Theology*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1974.
- RYKEN, Leland. *The Word of God in English*. Wheaton: Illinois: Crossway Books, 2002.
- VOTH, Steven M. “Justice and/or Righteousness: A Contextualized Analysis of S.edeq in the KJV (English) and RVR (Spanish)”. In: SCORGIE, Glen G.; STRAUS, Mark L.; VOTH, Steven M. (Eds.). *The Challenge of Bible Translation. Communicating God’s Word to the World*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan 2003, p. 322-323.
- WAARD, Jan de & NIDA, Eugene A. *From One Language to Another: Functional Equivalence in Bible Translation*. Nashville: Nelson, 1986.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento. Manual de Metodologia*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulus, 1998, p. 28-29.

Submetido em: 13/09/2021

Aceito em: 19/11/2021